

PLANEJANDO O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS EM SALA DE AULA

Assegurar Uma Intervenção Metodológica Planejada Garantindo A Aprendizagem Significativa

Rafael Fernando Braga de Lima - Gestão Pedagógica

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

A existência da instituição escolar é algo tão intrínseca à nossa sociedade e a nosso modo de viver, que não nos perguntamos por que há escola ou essa pergunta é respondida de maneira simples e insatisfatória. Não cabe neste momento uma apreciação dos ensejos daquilo que a escola significa nas sociedades modernas ocidentais, mas do mesmo modo que não se pode alcançar um entendimento declaratório acerca do desenvolvimento humano sem cultura, dificilmente pode-se compreendê-lo sem sopesar a diversidade das práticas educativas por meio das quais se tem acesso a essa cultura e sua interpretação, práticas em que se cabe abranger as escolares. Mediante esse pragmatismo, tenta-se assegurar uma intervenção planejada, sistemática, designada a promover determinados aspectos do desenvolvimento dos educandos.

É elementar que por meio da escola, da família, dos meios de comunicação, entra-se em contiguidade com uma cultura determinada, e que nesse sentido contribui-se para sua conservação. “A preocupação com uma escola alienante e estática tem sido uma constante entre pensadores de diversas disciplinas, que chamaram a atenção para esse perigo, por outro lado extensivo a outros âmbitos educacionais e, naturalmente, a outras instituições sociais” (SOLÉ, Isabel; COLL, César, 2009, p. 18) Assim, no tocante à escola, negar seu caráter social e socializador tornar-se-ia um contrassenso; na realidade, essa é uma das razões de sua existência.

Nessa perspectiva, no interior das inúmeras conjecturas epistemológicas da ciência da educação, integra-se, como elemento estruturador, a dimensão social do ensino ao qual se alude, no duplo sentido de que a educação escolar é um projeto social que se corporifica e se desenvolve em uma instituição também social. Desta forma, ocorre a necessidade de uma leitura social de fenômenos como a aprendizagem, que frequentemente tem sido analisada de uma dimensão individual e subjetiva, por isso que se pressupõe como ato intencional num sistema fenomenológico.

“(...) consideração dos conteúdos de aprendizagem (como produtos sociais, culturais), do professor (como agente mediador entre o indivíduo e sociedade) e do aluno (como aprendiz social) de ser convenientemente matizada e levada em conta em cada caso” (COLL, César, 1997, p. 45).

Desse modo, percebe-se que o trabalho do educador se torna cada vez mais intenso no que concerne à escolha das metodologias necessárias para ter um alcance real dos objetivos

educacionais e, no caso, para o desenvolvimento de Habilidades e Competências. Esse ato docente, para ter efetividade, deve ser planejado, sistematizado e diversificado, pois devido à multiplicidade de educandos, cada qual com suas especificidades subjetivas, não se pode ter a ilusão de que os mesmos estejam engendrados no processo de ensino e de aprendizagem da mesma maneira, ou seja, cada ser humano apreende a realidade de sua forma particular dialeticamente intencional.

A escolha da metodologia de ensino e de aprendizagem deve ser realizada de acordo com o educando, com os Objetos de Estudo e com o contexto, ou seja, as circunstâncias e condições do educando, do educador, da escola e da sociedade. Assim, responde-se a um comportamento cognitivo esperado dos educandos para o desenvolvimento de Habilidades Cognitivas e Competências. Destacam-se, portanto, na escolha e na aplicação dos métodos e técnicas, as características contextuais, observando duas questões: a autonomia dos educadores quanto ao Encaminhamento Metodológico e o propósito do ensino comprometido com a aprendizagem.

Assim, o **Encaminhamento Metodológico** expressa com perceptibilidade o propósito do educador, articulando uma práxis de forma a mediar o desenvolvimento de Habilidades e Competências. Doravante, a ideia central para a compreensão acerca do desenvolvimento humano está na concepção de mediação. Enquanto sujeito de conhecimento, o homem não tem acesso direto aos objetos de estudos, mas um acesso mediado, ou seja, feito através dos recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe.

Transmitir conhecimentos e ensinar procedimentos não é suficiente para assegurar que o educando torne-se um indivíduo autônomo, capaz de transcender dessemelhantes contextos. O mundo atual exige indivíduos capazes de recriar suas aprendizagens e de se adaptar às constantes transformações.

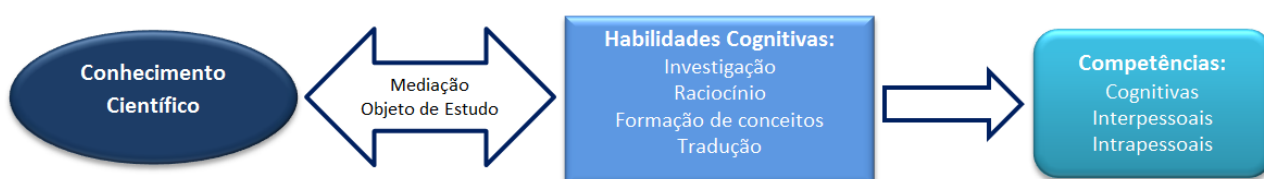
A complexidade do processo de ensino e de aprendizagem requer metodologias enérgicas que amparem o educador a desempenhar a sua função basal que incide em mediar Habilidades e Competências. A **Mediação da Aprendizagem** é um mecanismo significativo em todo contexto educativo, cujo objetivo substancial é a ação de ensinar e de aprender.

No interior destas constantes transformações tanto na sociedade como no próprio processo de ensino e de aprendizagem, percebe-se que os educandos devido a sua heterogeneidade apreendem a realidade de distintas maneiras, daí a importância da mediação, para a efetivação destas concepções observa-se a existência de distintas formas de aprendizagem num mesmo ambiente. O *Learning Style* pode ser considerado como uma maneira de pensar, o autogoverno mental que os educandos fazem dos seus mecanismos intelectuais. Neste caso há uma distinção entre estilo e atitude, pois atitude seria a forma optada pelos educandos no emprego dos conhecimentos. “Atitude refere-se à própria realização da tarefa, enquanto estilo está ligado ao como o sujeito gosta de realizar a tarefa. Em outras palavras, são maneiras diferentes de utilizar a inteligência” (PORTILHO, Evelise, 2011, p. 25).

Cada Estilo de Aprendizagem é definido de acordo com as características que determinam com mais clareza a destreza de cada indivíduo. Estilos: ativo; reflexivo; teórico e pragmático. As características mais presentes nos educandos que apresentam predomínio no **estilo ativo** são: criatividade, animação, inovação, improvisação, risco, renovação, espontaneidade, aventura, experiência, liderança, participação, diversão, competitividade, desejo de aprender e mudar, resolução de problemas. No **estilo reflexivo** ficam latentes caracteres como: observação, ponderação, receptividade, análise, cuidado, detalhamento, paciência, argumentação, assimilação, investigação, elaboração de informes e declarações, prudência, previsão de alternativas, estudos do comportamento. O **estilo teórico** de aprendizagem: estruturação, metodicidade, ordem, objetividade, planejamento, disciplina, crítica, sistematização, logicidade, generalista, racionalidade. Por fim no **estilo pragmático** tem como características: técnica, experimentação, praticidade, eficácia, utilidade, realismo, rapidez, decisão, planejamento, atualização, organização, aplicação (PORTILHO, Evelise, 2011, p. 101 – 103).



Desta maneira, para que a mediação seja possível, alguns pontos são necessários e um dos primeiros é a **Transposição Didática**. A necessidade de se ensinar o conhecimento científico leva à imprescindibilidade de modificá-lo para que os educandos tenham o alcance possível e essa transformação denomina-se Transposição Didática. Esse fenômeno coloca em evidência o fato de que o Componente Curricular não é o conhecimento científico, mas uma parte dele e, além disso, modificada. Por outro lado, abarca ainda os procedimentos para o seu ensino. Assim, para que esse processo ocorra, primeiramente há a necessidade dos educadores terem domínio daquilo que se predispõe a ensinar, pois para poder transformar a linguagem científica em escolar, faz-se cogente um entendimento profundo do saber e de seu público ouvinte. A contextualização também é uma parte muito importante, pois a aprendizagem por ser subjetivamente assimilada, necessita de contextos reais para que se torne efetiva. A Interdisciplinaridade, os relacionamentos de diversos conceitos em distintas áreas do conhecimento, ampliando sua aplicabilidade e efetividade, também são um ponto essencial para que ocorra a mediação.



Outro ponto importante é a questão da transcendência que ocorre quando o educando vai além dos Objetos de Estudo expostos. Quando ele é capaz de generalizar e aplicar princípios, conceitos ou estratégias em outras situações complexas, ampliando a compreensão do conhecimento que estão interligados no mundo e propiciando a busca de novas relações, o mediador deve estar acessível para as respostas do sujeito, sendo que este último deve fornecer indicativos de que está contribuindo, que se sente envolvido no processo de aprendizagem.

Na exposição de Objetos de Estudo, no que diz respeito a metodologias, ressalta-se o sentido da ação docente, ou seja, o significado que se refere ao valor, à energia atribuída à atividade, aos objetos e aos eventos, tornando-os relevantes para o mundo. Por esse critério de mediação, o mediador demonstra interesse e envolvimento, explicitando o entendimento do motivo para a realização da atividade, verificando se o estímulo que está sendo apresentado atribui algum significado para o mediado. Destarte, as metodologias elencadas pelos educadores são indubitavelmente o ponto central para a efetivação da estrutura sistemática e planejada no desenvolvimento de Habilidades e Competências.

Por conseguinte, para a efetividade das metodologias elencadas pelos educadores surgem inúmeras estratégias de aprendizagem com o escopo de planificação e controle da execução. Estratégias de **revisão**, de **elaboração** e **organização** são agrupamentos de métodos diversos com um fim especificado. O educando deve compreender o que e por que está fazendo tal atividade. Em outras palavras, técnicas são o conjunto de ações que se realizam para obter um objetivo de aprendizagem, no interior de um projeto planejado deliberadamente. Assim, percebe-se que uma estratégia comporta uma ou mais técnicas (POZO, Juan Ignacio, 2004, p. 200 – 204). A aquisição das estratégias de aprendizagem incidem por intermédio de um processo de interiorização análogo a zona de desenvolvimento proximal vigotskyano, “o sujeito desenvolve seu processo de aprendizagem, baseando-se em estratégias cada vez mais específicas conforme a tarefa que está realizando” (FLAVELL, John, 2011, p, 84).

O Encaminhamento Metodológico deve responder às etapas da Sequência Didática, pois ela determina o comportamento cognitivo esperado dos educandos, assim delineando uma metodologia não implica descrever uma aula teórica, mas de que maneira incidirá a aprendizagem através deste ato docente. Desta forma, relacionam-se os Objetos de Estudo dos Componentes Curriculares e áreas com os fatos, fenômenos e movimentos da atualidade, fazer uso de novas linguagens e tecnologias ampliam o campo de trabalho e o processo de mediação da aprendizagem.

A metodologia pode ser entendida como a postura do educador diante da realidade, como a articulação de uma teoria de compreensão e interpretação da realidade a uma prática específica, ou seja, a prática pedagógica que demanda uma intencionalidade (VASCONSELOS, V. M. R. & VALSINER, J., 2007, p. 25 – 35). O processo de ensino e de aprendizagem deve instrumentalizar o educando para que realize uma leitura crítica de mundo, proporcionando-lhe o acesso ao conhecimento científico. O educando precisa ser alfabetizado cientificamente, desenvolver uma

postura crítica e reflexiva a respeito das contradições da sociedade que o cerca, tendo como objetivo a sua transformação.

Por fim, para a criação de um Encaminhamento Metodológico que tenha como escopo basilar o desenvolvimento de Habilidades Cognitivas e Competências, o educador deve ter o conhecimento total da Sequência Didática, assim como uma leitura transversal da estrutura do planejamento, pois determinará os passos metodológicos necessários para indicar os conceitos, procedimentos e atitudes a serem trabalhados, suscitando nos educandos inúmeras aptidões cognitivas que progressivamente no decorrer do processo de ensino e de aprendizagem desenvolverão Competências cognitivas, interpessoais e intrapessoais. Desta forma, todo esse procedimento planejado fica no arbítrio volitivo dos educadores em instituírem os melhores estratégias para sua concretização e que no fim sua aplicabilidade seja fidedigna e não meramente um sistema de ideais irrealis.

Referências Bibliográficas

SOLÉ, Isabel; COLL, César. **A concepção construtivista da aprendizagem escolar e do ensino.** In: COLL, C; MARTÍN, E; MAURI, T; MIRAS, M; ONRUBIA, J; SOLÉ, I; ZABALA, A. o construtivismo na sala de aula. 6 ed. São Paulo: ática, 2009, p. 18.

COLL, César. **Psicología y curriculum. Una aproximación psicopedagógica a la elaboración del curriculum escolar.** Barcelona: laia, 1997.

RANGEL, Mary. **Métodos de ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas.** 2 ed. São Paulo: papiros, 2004.

FEUERSTEIN, R; BOLÍVAR, C.R. **La teoría de la modificabilidad cognoscitiva estructural: una explicación alternativa sobre el desarrollo cognoscitivo direferencial.** Ciudad de Guayana, Venezuela: Miemeo, 1983.

FEUERSTEIN, R.; KLEIN, P. S.; TANNENBAUM, A. J. **Mediated learning experience (MLE):Theoretical, Psychosocial And Learning Implications.** London: Freund, 1994.

FLAVELL, John. **El desarrollo cognitivo.** In: PORTILHO, Evelise. **Como se aprende? Estratégias, estilos e metacognição.** 2 ed. Rio de Janeiro: wak, 2011

PORTILHO, Evelise. **Como se aprende? Estratégias, estilos e metacognição.** 2 ed. Rio de Janeiro: wak, 2011.

POZO, Juan Ignacio. **Aquisição de conhecimento.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

VASCONSELOS, V. M. R. & VALSINER, J. **Perspectivas Co-construtivista na Psicologia e na Educação.** In: GASPARIN, J. L. Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica, 2007.

